

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

da Academia Paulista de Letras

EU, MENINO
E
A LENDA
DOS QUATRO REINOS



IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

da Academia Paulista de Letras

EU, MENINO
E
A LENDA DOS
QUATRO REINOS



BREVE APRESENTAÇÃO

Costumo passar as férias com meus filhos casados e meus netos.

Minhas netas, principalmente, gostam de histórias com dragões, princesas e castelos.

Escrevi para os sete (Fernanda, Guilherme, Renata, Helena, Luís Felipe, Daniela e André) “A Lenda dos Quatro Reinos” e, para minha mulher, Ruth, que namoro há 61 anos, pelo seu aniversário, o poema “Eu, menino”.

Em edição de meu caro amigo de décadas, Cláudio Giordano, exclusivamente para familiares e amigos, trago-os à luz, acompanhados de um soneto inglês, composto para o dia dos namorados.

Ives Gandra da Silva Martins

Sumário

Repentes

9

Eu, menino

11

A Lenda dos Quatro Reinos

21

REPENTES

Para Ruth.

Quando falaste sobre diferenças,
Quando disseste o quanto me querias,
Quando pesaste a força em nossas
crenças,
Que continuava'as mesmas pelos dias,
Quando lembraste, a fundo, nossa luta,
E viste que, também, no amor se sofre,
Porém a quem a Deus, na vida, escuta
O sofrimento encontra-se num cofre.
Quando ouviste, meu bem, quanto te
quero,
Não obstante a tua timidez,
Que faz nosso viver claro e sincero,
Tal qual se descortina em nossa tez,
Sentimos que, por sermos diferentes,
O nosso amor eterno tem repentes.

Ives.

Dia dos Namorados, SP. 12/06/2000.

EU, MENINO

Para Ruth.

I

Eu sempre fui um menino,
Que não queria crescer,
Pensando ser meu destino
Mais sonhar do que viver.

II

Desde criança escrevia
Os sonhos de meu sonhar,
Pois tinha na poesia,
Caminhos de lua par.

III

Navegava entre os escolhos
Do tempo vencendo os ares,
Procurando belos olhos,
Pelas águas dos meus mares.

IV

Era criança, sonhava
Ser navegante do espaço
E tinha minh'alma escrava
Nas muralhas de meu Paço.

V

Quis logo ser cavaleiro
Com minha espada de pau,
Queria ser sinaleiro
Do combate contra o mal.

VI

Imaginava os castelos
Com suas lindas donzelas,
Escudos, grandes martelos
Com as cores de aquarelas.

VII

Nos sonhos, sempre lutava
Contra o mal e pelo bem
E se do vulcão a lava
Caía, pulava além.

VIII

Havia sempre dragões,
Cavaleiros medievais
E as ferrugens dos portões
Dos tempos dos samurais.

IX

Eu não queria crescer,
Pois vivia de aventuras,
Que estavam sempre a nascer
Pelas batalhas futuras.

X

Também era navegante
Cruzando bravios mares,
Contra filhos do Levante,
Pelas noites estelares.

XI

Cresceu, um dia, o menino
Apesar de não querer,
Sem traumas, sem desatino,
Buscando ser e não ter.

XII

Estudou com seriedade
Para na vida lutar,
Mas sempre teve saudade
Dos seus tempos de sonhar.

XIII

O trabalho muito cedo
Começou, sendo garoto,
Versejar foi seu enredo,
Malgrado o talento roto.

XIV

Conheceu muitas meninas
Nos bons tempos de respeito,
Seguiram elas as sinas
De pudor, sem ter defeito.

XV

Combateu com bons amigos,
Viveu de muita esperança,
Quis bem aos seus inimigos,
Em tormenta ou na bonança.

XVI

Visitar outros países
Muito jovem decidiu,
Feliz, como os mais felizes,
Deixou, portanto, o Brasil.

XVII

Na Velha Europa aportou,
Estudou e foi boêmio,
Assistiu a muito show,
Não teve cabeça a prêmio.

XVIII

Nada fez de diferente
Alguma pouca conquista,
Muito estudo pela frente,
Nada escondendo da vista.

XIX

Um dia voltou pra casa,
Cruzando mares de barco,
Seus sonhos perderam asa,
Fechou da vida seu arco.

XX

E foi estudar Direito,
Em antiga Faculdade,
Onde o aluno mais perfeito
Era vate de verdade.

XXI

Lá voltou a ser poeta
E ter sonhos juvenis
Levou a vida discreta
Com atitudes viris.

XXII

O direito de defesa
Foi sempre sua paixão,
Escrevia sobre a mesa
Esboços de petição.

XXIII

Decidiu advogar
Ao concluir seu estudo,
Por espada o seu falar
E sendo o pensar, escudo.

XXIV

Mas ao voltar conhecera
A mulher que imaginara,
Desde que, na vez primeira,
Com a perfeição sonhara.

XXV

Eram ainda estudantes,
Quando se uniram na vida,
E como dois navegantes
Enfrentaram dura lida.

XXVI

Tiveram filhos e netos,
Mas sempre muito se amaram,
Seguiram caminhos retos,
Que na existência se aclaram.

XXVII

Ficaram velhos na idade,
Mas jovens de coração,
Amaram Deus de verdade,
Nunca Lhe dizendo não.

XXVIII

E perceberam os dois,
Que os versos sempre de amor,
Compostos davam depois
Ao matrimônio valor.

XXIX

Fizeram daquela história,
Que teceram por encanto,
Com derrotas e vitória
O tema para este canto.

XXX

Daquele simples menino,
Que não queria crescer,
Mas, por força do destino,
Pôde seu sonho viver.



A LENDA DOS
QUATRO REINOS

Para meus netos

*Fernanda,
Guilherme,
Renata,
Helena,
Luís Felipe,
Daniela e
André.*

CANTO
I

I

Era uma vez um país
Em que o povo bem feliz
Tinha príncipe e princesa,
Um rei bom com seus ministros,
Sem riscos e sem sinistros,
Governando com pureza.

II

Os seus cavaleiros nobres,
Ajudavam todos pobres
E defendiam seu reino,
A fome não existia
E todos em alegria
Do querer bem tinham treino.

III

Mas doutro lado do monte,
Com água da mesma fonte,
Havia um monarca mau.
Fazia sofrer o povo,
Sem criar nada de novo
Com seu modo tão brutal.

IV

Dois filhos tinha este rei
O rapaz amava a lei
E a moça boa justiça,
Amavam também seu pai
Mas almas de samurai,
Não tinham qualquer cobiça.

V

Era tempo dos dragões,
Dos castelos com porões,
Das armaduras e espadas,
As guerras com mil batalhas
Derrubavam as muralhas
Pelas terras conquistadas.

VI

O bom rei e o mau monarca
Sabiam que em uma escarpa,
A deusa Verdade estava,
Mas nem os dragões distantes
Descobriram os quadrantes,
Em que a Verdade era escrava.

VII

Os quatro reinos brasões
Dos dois reis e dos dragões
Mais aquele da Verdade,
Embora lá prisioneira,
Tinham a chama guerreira
Que gera animosidade.

VIII

E os príncipes e as princesas,
Sentiam muitas tristezas
Pelos reinos separados
E sonhavam ser um dia,
Unidos em harmonia,
Pela paz abençoados.

CANTO
II

I

Do bom rei sua princesa,
De decantada beleza
Foi passear na floresta
E lá viu límpida fonte
Cuj'água embaixo da ponte
Ao cenário tudo empresta.

II

E decidiu, por beber,
Cansado todo seu ser,
O líquido cristalino,
Mais eis que surge uma fera,
Que a ponte já transpusera
Para ataque repentino.

III

Já quase estava por cima,
Quando num toque de esgrima,
A espada a feriu de morte,
Pois o filho do mau rei,
Um cavaleiro da lei,
Mudou da princesa a sorte.

IV

Falaram em vez primeira
Mas o amor seguiu na esteira
Da valentia do gesto.
Prometeram se casar
Mesmo tendo que enfrentar
Dos pais, por certo, o protesto.

V

Via o príncipe Adalberto
Sua amada bem de perto,
Quando se punha à janela.
Escondia-se na noite,
Mesmo com vento em açoite,
Pois adorava Anabela.

VI

Assim foi, por muitas vezes,
Passando dias e meses,
Neste idílio com passeios,
Seu amor era tão forte
Que não temiam a morte
E viviam sem receios.

VII

De Abelardo sua irmã
Ofertou-lhe um talismã
Para proteger o amor,
Também deu o próprio irmão
À Anabela um coração
Para mostrar seu calor.

VIII

Embora ninguém soubesse
Este amor quase uma prece
De dois jovens inocentes.
Estavam eles felizes
Apesar de seus países
Serem muito diferentes.

CANTO
III

I

Os dois irmãos protetores,
Quando o sol pintava cores,
Encontraram-se, por fim,
O céu tiszado em azul
Mostrava o caminho sul
Para o mais belo jardim.

II

A princesa Catarina,
Com sorriso de menina,
Viu o príncipe encantado,
Apaixonou-se de pronto
E transformou o seu canto
Ao jovem Carlos chamado.

III

Carlos também viu a bela,
Tão linda quanto Anabela,
E apaixonou-se de vez.
Ficaram a sós os dois,
Deixando para depois
A concessão de mercês.

IV

Quando os quatro jovens nobres,
Sentando assentos de cobre,
Perceberam seu amor,
Pensaram como fazer
Nos pais desaparecer
O permanente rancor.

V

Queriam unir os reinos
Mas diplomatas sem treinos
Desconheciam caminhos,
Pois tendo um amor tão forte
Queriam mudar a sorte
Desta batalha de espinhos.

VI

Pensaram buscar dragões
Nos mais distantes rincões
Para trazerem a paz,
Pois os dragões, quando amigos,
Defendem-nos dos perigos
Que uma guerra sempre traz.

VII

E decidiram, portanto,
Escondidos no seu manto
Irem ao reino terceiro,
Procurar do rei dragão,
Co'a força do coração,
A força de cavaleiro.

VIII

E seguiram seus cavalos
Sem nada por ampará-los
Senão coragem e espadas,
Eis quando bate a paixão
Não há temor, não há não
Que desfaça tais cruzadas.

CANTO
IV

I

Uma guarda dos dragões
Levou os quatro às prisões
Quando chegaram na terra,
O rei queria matá-los
Com os seus próprios cavalos
Pois pensava estar em guerra.

II

Pediram para falar
Os dois príncipes no altar,
Em que os dragões tem conselho
E apesar do seu tamanho
Não lhes parecer estranho,
Pois do poder era espelho.

III

Concedeu o rei dragão
Ouvi-los no seu salão,
Repleto de conselheiros.
Os quatro então lhe disseram
A razão porque vieram,
Sozinhos sem escudeiros.

IV

Queriam impor a paz
Que, de rigor, só se faz
Se a força se mostra justa,
Desejavam seu apoio
Formando um grande comboio
De dragões que ao povo assusta.

V

Contaram-lhe seu amor
E o desejo de repor
Entre os dois reinos concórdia,
Mas seus pais beligerantes
Tornaram os quatro infantes
Infelizes co'a discórdia.

VI

Comoveu-se o rei dragão
E prometeu-lhes ação,
Mais de ameaça que sangue
E os quatro muito felizes
Ficaram, pois seus países
Sentiam a gente exangue.

VII

E no tratado assinado
Ficou claro e combinado
Que os 3 reinos sempre em paz
Restariam, pois dragões
Têm melhores corações
Com escamas por detrás.

VIII

E voltaram aos castelos
Fortalecidos seus elos
De grandeza no futuro
Amavam-se os dois casais
Como amor igual jamais
Já se viu de tão seguro.

CANTO
V

I

O bom rei, como o rei mau,
Montavam seu arsenal
Para travar as batalhas,
Conquistar novas cidades,
Tirando-lhes liberdades,
Derrubando-lhes muralhas.

II

O bom rei jamais queria
Ingressar nesta porfia
Pelo rei mau provocado,
Mas entendeu, se vencesse,
Que ninguém mais esquecesse
A vitória conquistada.

III

O mau rei mostrava inveja
Não própria de quem almeja
Governar bem o seu povo,
Queria era conquistar
As terras para reinar
E ter um palácio novo.

IV

O bom rei de sua gente
Tinha apoio permanente
A defender seu reinado,
O mau rei impôs à força,
Embora aos fatos distorça,
No combate desejado.

V

Um só queria a defesa,
Outro buscar com firmeza
Mais terras pro seu reinado
E a guerra assim preparada
Estava a ser iniciada
Com combates, lado a lado,

VI

Apesar de ambos os reis
Buscarem por sua vez,
Encontrar os quatro filhos,
Os quais desaparecidos,
Deixaram-nos ressentidos,
Tirando-lhes honra e brilhos,

VII

Mesmo assim pelas fronteiras
Tropas faziam fileiras
Para o combate iniciar.
Os dois reis, em seus cavalos,
Com seus súditos a olhá-los,
Estavam p'ra levantar

VIII

As espadas e seus gritos,
Que desde os tempos finitos
Seguem combates e guerras,
Foi quando viram chegar
Seus filhos a cavalgar
E mil dragões de outras terras.

CANTO
VI

I

Os dois reis ficaram mudos,
Baixaram os seus escudos,
Pararam seus esquadrões,
As espadas mais as flechas
Não descobriram as brechas
Nas escamas dos dragões.

II

O bom Carlos e Adalberto
Entraram no campo aberto
Entre os guerreiros dos dois
E depuseram espadas,
Nos braços tendo as amadas,
Que lhes chegaram depois.

III

O rei dragão veio perto
Abrindo imenso deserto
Com suas asas no campo,
Todos pararam na ação,
Sem que houvesse proteção,
Nem contra o vento algum tampo.

IV

Aos dois reis falou então
Este enorme rei dragão
Desejar vê-los em paz,
Queria ter dos dois reis
Apoio forte, talvez
Ao reino que está detrás.

V

Contou-lhes que a liberdade
Só teriam se a Verdade
Fosse afinal libertada,
No seu reino bem distante
Por onde enorme gigante
A mantinha aprisionada.

VI

Colocou os seus dragões
Com os dos reis guardiões
Pra combater os soldados
Do gigante da mentira
Que contra o mundo conspira,
Protegendo os maus costados.

VII

E que se aquele reinado
Fosse por fim libertado
Renasceria a Verdade,
Com a sua formosura
De beleza mais que pura
Por nascer da eternidade.

VIII

E a paz então reinaria
Para o povo em alegria
Nos quatro reinos distintos.
O bom rei daria o tom
E o mau rei seria bom,
Ficando os males extintos.

CANTO
VII

I

Concordes os três monarcas
Partiram atrás das arcas
Onde a Verdade era escrava.
Os dois príncipes à frente,
Mostravam que ser valente
É próprio de gente brava.

II

Foram os três reis e os dois,
Não deixaram p'ra depois
Libertar esta rainha,
Cujo mistério é segredo,
Porém que elimina o medo
A quem p'ra luta caminha.

III

O gigante e sua tropa
Vendo a gente que galopa,
Com gritos ao seu encontro,
De pavor acovardou-se,
Tendo a Verdade tão doce
Com o bem seu reencontro.

IV

Fugiu pra sempre o gigante
E não mais um viajante
Dele e os seus ouviu falar,
Dizem que, ao deixar os arcos,
Embarcou em muitos barcos
E foi muito além do mar.

V

A Verdade disse então
Aos três reis que a salvação
Dar-lhes-ia recompensa,
Ensinaria a bondade,
Como igual jamais se há-de
Conhecer assim tão densa.

VI

Os três reis no coração,
Os dois reis mais o dragão
Receberam da Verdade
A força pro bem do povo,
Pois não há nada mais novo
Que nela ter liberdade.

VII

E os três reinos inimigos
Tornaram-se então amigos,
Pois descobriram que os reis
Só são bem reis de verdade
Se para a comunidade,
Servirem, sendo fiéis.

VIII

E a gente muito feliz,
Cada povo em seu país,
Encontraram seu atalho,
Pois a Verdade ensinara,
Que vale mais a seara
Sem guerra e só com trabalho.

CANTO
VIII

I

E a lenda termina aqui
Vale a pena o que escrevi
Para os meus valentes netos.
São sete muito queridos,
Por mim jamais esquecidos,
Seguindo caminhos retos.

II

Esqueci-me de dizer
O que veio acontecer
Com aqueles dois casais,
Visto que sem seu amor
Não haveria o valor
A colocar nos anais.

III

Foram festas memoráveis,
Seus casamentos estáveis
Permaneceram no tempo.
Dos dragões foram amigos,
Protetores nos perigos,
Com asas, gerando vento.

IV

Um casal teve um menino
Que teve um belo destino
Loiro tendo a cabeleira
E o outro teve seis filhos
Que seguiram pelos trilhos
Em sua virtude inteira.

V

E os quatro reinos assim,
Todos tendo seu jardim,
Foram felizes e o povo
Descobriu que o bom governo
Serve mais quando fraterno,
Cria esperança de novo.

VI

Assim se todo o Universo
Coubesse neste meu verso
Uma lição deixaria,
Que mais governa quem serve,
Pois essa se torna verve
Que gera sempre alegria.

VII

Espero que um dia o mundo
Tenha um governo profundo
Com a força dos dragões,
Ancorados na Verdade,
Vivendo na liberdade,
Repletos os corações.

VIII

Quero assim, meus caros netos,
Que seguem caminhos retos,
Ainda em fase de treinos,
Que pensem que vale a pena
Viver na vida terrena
A lenda dos quatro reinos.

Jaguariúna 05 a 07/07/2014.



EU, MENINO E LENDA DOS QUATRO REINOS,
de Ives Gandra da Silva Martins.

Produção de GIORDANUS
para o selo *Pax & Spes.*

São Paulo,
Inverno/Primavera
de 2014.